

O que é isto – o PROF-FILO?¹

What is this – the PROF-FILO?

Resumo

O Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, apoiado pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, foi gestado de forma coletiva e colaborativa, iniciando suas atividades acadêmicas em 2017. Transcorridos os dois primeiros anos do programa, a comunidade filosófica ainda desconhece o que é feito no âmbito do PROF-FILO e, não raro, questiona se a natureza profissional do mestrado é condizente com os critérios (mínimos!) para a Filosofia na pós-graduação. O presente artigo pretende, a partir da apresentação de dados do programa, discutir a natureza profissional deste último, atentando para a indissociabilidade entre teoria e prática no exercício docente – e defendendo que as atividades de ensino e pesquisa no âmbito do PROF-FILO contribuem para o processo de resignificação da identidade dos/as professores/as discentes e docentes do Mestrado Profissional em Filosofia.

Palavras-chave: PROF-FILO; Ensino de Filosofia; Pesquisa; Pós-Graduação; Formação de Professores.

1 As ideias apresentadas neste artigo foram desenvolvidas no âmbito do LaPEFil – Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia (CNPq/UFABC) e são resultado do projeto de pós-doutorado “A constituição do Ensino de Filosofia como campo de conhecimento: mapeamento da área na década de 2008 a 2018” (Chamada CNPq Nº 22/2018 - Bolsas Especiais no País e Exterior; Processo: 148901/2018-2).

* Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC) e membro do Comitê Gestor do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). E-mail: patricia.velasco@ufabc.edu.br

Abstract

The Professional Master in Philosophy – PROF-FILO, supported by the Brazilian National Association of Graduate Studies in Philosophy (ANPOF), was created in a collective and collaborative way, starting its academic activities in 2017. After the first two years of the program, the philosophical community is still unaware of what is done within the scope of PROF-FILO. And, not rare, questions whether the professional nature of the master's degree is consistent with the (minimum!) criteria for Philosophy in the postgraduate. This article aims, from the presentation of program data, to discuss the professional nature of this master's degree, considering the inseparability between theory and practice in the teaching exercise – and arguing that teaching and research activities within the scope of PROF-FILO contribute to the process of identity re-signification of all involved in the Professional Master in Philosophy.

Keywords: PROF-FILO; Philosophy Teaching; Research; Postgraduate; Teacher formation.

Pressupostos filosóficos do ensino de filosofia

Desde a Grécia antiga, a temática da formação – tanto do indivíduo quanto do filósofo – constitui-se como parte da história da Filosofia. Perguntas como “O que é Filosofia?”, “No que consiste o ensinar? O que significa aprender?”, “É possível ensinar Filosofia?”, “Aprende-se Filosofia?”, “Existe ensino sem que haja aprendizagem?”, “Pode-se aprender sem que alguém ensine?”, “Há técnicas de ensino que independem do conteúdo a ser ensinado? (Seria possível uma didática geral?)”, “Por que ensinar Filosofia?”, entre outras, foram discutidas por pensadoras e pensadores, entrelaçadas às teorias filosóficas, imbricadas às demais temáticas e ao contexto das obras destes/as autores/as. Neste sentido, “a temática do Ensino de Filosofia foi pensada pelos filósofos clássicos como parte sistêmica de suas obras, inseparável dos problemas postos aos seus respectivos tempos”².

Não obstante, a tradição universitária brasileira usualmente considera as questões do Ensino de Filosofia como de ordem exclusivamente

2 Velasco, P. D. N. Docência e formação em Filosofia: para pensar o tempo presente. In: Pagotto-Eusébio, M. S.; Almeida, R. (Org.). *O que é isto, a Filosofia [na escola]?* São Paulo: Editora Laços/Selo Képos, 2014, p. 21.

pedagógica; nos cursos de formação de professores, estabelece-se uma nítida cisão entre as disciplinas filosóficas (aquelas que tratam de temas, das grandes áreas e da história da Filosofia – e costumam ser compartilhadas com o Bacharelado) e as disciplinas educacionais, as quais versam sobre didática, políticas educacionais, psicologia da educação e práticas de ensino – sendo ministradas, geralmente, para discentes de várias licenciaturas. Os temas e problemas filosóficos não costumam ser considerados, nos cursos de graduação em Filosofia, em relação com suas implicações e seus direcionamentos para o ensino³.

Trata-se de um modelo de formação de professores amplamente criticado, há cerca de 40 anos, por pesquisadores da área, crítica esta reconhecida pelos documentos legais desde a LDB de 1996. O Parecer CNE/CP 09/2001 e o documento que o substituiu em 2015, Parecer CNE/CP 02/2015, por exemplo, determinam a terminalidade e a integralidade próprias da Licenciatura com relação ao Bacharelado, a qual passa a se constituir, ao menos na letra da lei, em um projeto específico, com currículo e perfil de formação próprios.

Os cursos brasileiros de Licenciatura em Filosofia, contudo, ainda procuram estratégias formativas e condições institucionais para executarem as mudanças legais. Neste contexto, as palavras de Menezes permanecem atuais: “[...] a Universidade tem aceitado formar professores como espécie de tarifa que ela paga para poder fazer ciência em paz. A Universidade tem que assumir a formação do professor como tarefa, como uma de suas tarefas centrais”⁴. No caso específico da Filosofia, há muito ainda a ser feito para que os/as licenciandos/as e seus professores e professoras reflitam filosoficamente sobre as didáticas e as metodologias do Ensino de Filosofia, para que as graduações propiciem que o futuro professor e a futura professora pesquisem a prática docente sob a ótica da literatura filosófica; para, enfim, que os cursos de formação concebam o Ensino de Filosofia como indissociável da própria Filosofia.

3 Esta concepção formativa resultou no estabelecimento de uma hierarquia dentro do meio acadêmico brasileiro: os cursos de formação docente são historicamente considerados cursos de segunda categoria, principalmente quando comparados aos respectivos bacharelados. Prioriza-se e valoriza-se a formação do/a pesquisador/a em detrimento da formação do/a professor/a, “como se fosse possível ser um bom professor sem pesquisar a própria prática – ou um bom pesquisador sem compartilhar a pesquisa com outros” (Gallo, S.; Kohan, W. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: _____. (Org.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 181). Sobre formação em Ensino de Filosofia, cf. Tomazetti (2012) e Velasco (2014).

4 Menezes, L. C. Formar professores: tarefa da universidade. In: Catani, D.; Miranda, H.; Menezes, L. C.; Fischmann, R. (Org.). *Universidade, Escola e Formação de Professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 120.

Poderia o leitor ou a leitora objetar: em que medida é possível, efetivamente, defender que as questões relativas ao Ensino de Filosofia compreendem problemas e objetos de investigação da própria filosofia? O presente artigo sustenta – na esteira de um movimento crescente nas últimas décadas, no Brasil e em países da América Latina⁵ – que ensinar (e aprender) Filosofia demanda uma inserção *na* Filosofia: ainda que de modo não refletido, todo/a professor/a ensina Filosofia de acordo com o modo como se relaciona com essa – seja qual for – Filosofia. Uma vez que a questão “Que é isto – a Filosofia?” é eminentemente filosófica, o ensino (e a aprendizagem) da (em) Filosofia ocorre necessariamente em terreno filosófico.

Como afirma Kohan, “parece claro que não é possível ensinar filosofia sem ensinar alguma filosofia [...]; também não é possível fazê-lo sem habitar certo espaço para o pensamento e sem configurar determinados sentidos para seu ensino e sua aprendizagem”⁶. Diferentes concepções de Filosofia implicam distintos modos de ensinar Filosofia: a escolha de temas, autores/as, períodos históricos e/ou habilidades cognitivas/objetivos de aprendizagem não é neutra. As reflexões sobre Ensino de Filosofia estarão, sempre, imbricadas por perspectivas filosóficas, não havendo imparcialidade docente na seleção de conteúdos e métodos de ensino, nem tampouco nas discussões sobre estes últimos.

Uma vez que há (ao menos) uma perspectiva filosófica implicando as reflexões sobre o Ensino de Filosofia, infere-se que este contém pressupostos filosóficos. As discussões sobre esses pressupostos – a identidade da Filosofia e do filosofar, seu sentido formativo e sua finalidade enquanto disciplina, a determinação do que ensinar e de como fazê-lo, as relações entre a Filosofia e sua história etc. – demarcam e constituem a intitulada *Filosofia do Ensino de Filosofia*.

Se os diferentes objetos temáticos da Filosofia caracterizam as distintas sub-áreas de pesquisa desta última, como Filosofia Política, Filosofia Moral, Filosofia da Lógica, Filosofia da Linguagem e Filosofia da História, por exemplo, o Ensino de Filosofia, tomado como objeto e problema de investigação

5 Uma leitura obrigatória sobre a temática compreende a obra *O ensino de filosofia como problema filosófico* (2009), do argentino Alejandro Cerletti, a qual reúne reflexões basilares para se pensar o ensino filosófico, tais como: o que é filosofia? O que significa ensinar? O que há de criação e de repetição na filosofia e em seu ensino? Quais as relações entre filosofia, história e ensino da filosofia? Quais os objetivos e o valor formativo da filosofia como disciplina do ensino médio? Quais as possibilidades e os limites do ensino filosófico institucionalizado? Há uma didática propriamente filosófica? É possível ensinar filosofia sem ser, em alguma medida, filósofo/a?

6 Kohan, W. O. Fundamentos à prática da filosofia na escola pública. In: Kohan, W. O.; Leal, B.; Teixeira, A. S. (Org.). *Filosofia na escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 25.

filosóficos, delimita e identifica a supramencionada Filosofia do Ensino de Filosofia, sub-área de conhecimento de cunho filosófico que toma para si as reflexões sobre os fundamentos teóricos e os pressupostos do referido ensino, fincando-se na interface entre Filosofia e sala de aula.

As questões do ensino e da educação, quando irrompem na Filosofia, abrem espaços de problematização que podem oferecer aos futuros professores outros modos de pensar, outros modos de interrogar. [...] O ensino está circunscrito à instituição escolar e à presença do professor. [...] Problematizar o que ali ocorre, como ocorre, com quem ocorre é [...] um exercício filosófico, ou seja, o que poderia chamar de uma Filosofia do Ensino.⁷

Todavia, a Filosofia do Ensino de Filosofia, ao contrário das demais sub-áreas acima citadas, não goza ainda de reconhecimento acadêmico nacional mais amplo – fato este comprovado pela ausência do Ensino de Filosofia (ou Filosofia do Ensino de Filosofia) como área de conhecimento nas principais agências de fomento à pesquisa e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país e, igualmente, como linha de pesquisa nos programas de pós-graduação acadêmicos⁸.

Se o fator histórico de constituição dos cursos de graduação em Filosofia⁹ de algum modo ajuda a compreender a dificuldade da comunidade filosófica em reconhecer o Ensino de Filosofia como problema filosófico, a falta de visibilidade nacional e de publicização das inúmeras iniciativas na área certamente constitui outro fator decisivo para que este cenário se perpetue. A ignorância da comunidade filosófica nacional acerca das iniciativas e produções na área de Ensino de Filosofia é bastante grande. E podemos identificar algumas dificuldades para mudarmos este cenário: as dimensões geográficas do país; o grande número de instituições de ensino superior formadoras de

7 Tomazzeti, E. M. Papel da Filosofia na formação de educadores. In: Severino, A. J.; Lorieri, M. A.; Gallo, S. (Org.). *O papel formativo da filosofia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 75-80.

8 Os/As pesquisadores/as da área tradicionalmente estão vinculados/as aos programas de Educação; nestes, as linhas a que pertencem costumam envolver Filosofia e História da Educação (e não Ensino de Filosofia) em seus títulos.

9 Para uma discussão pormenorizada sobre o assunto, cf. Gelamo, R. P. Um olhar sobre algumas tendências do ensino da Filosofia na atualidade. In: _____. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 34-48.

professores/as de Filosofia; o pouco lugar usualmente concedido ao Ensino de Filosofia nos eventos de Filosofia de repercussão nacional¹⁰ e nos programas de pós-graduação em Filosofia; a quantidade crescente, mas dispersa, de pesquisas, eventos e iniciativas na área; o limitado número de fontes de pesquisa (arquivos) para identificação desse tipo de dado.

Há que se fazer um inventário das pesquisas no âmbito do Ensino de Filosofia, mapeando-se os cursos de pós-graduação (especializações, mestrados profissionais, mestrados e doutorados acadêmicos), as monografias, dissertações e teses produzidas nestes programas, os grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, entre outras atividades de pesquisa voltadas para a temática em voga. Um movimento necessário que permitirá problematizarmos os processos, as concepções formativas, as trajetórias acadêmicas, os referenciais teóricos e a inserção na Educação Básica de diversos/as profissionais que atuam na área, nas diferentes regiões do país.

Dado que o inventário supra referido requer algum tempo e várias mãos, o presente artigo busca suprir uma lacuna mais modesta, aventada por muitos membros da comunidade filosófica nacional nos últimos anos, a saber: a necessidade de esclarecimento a respeito do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) e, mais especificamente, de uma discussão sobre a natureza profissional de um mestrado quando se trata de um programa na área de Filosofia.

As seções procedentes pretendem contribuir para alguma elucidação a esse respeito, embora de forma alguma intentem esgotar o questionamento em pauta. Ademais, as linhas que se seguem não têm a pretensão de representar uma posição consensual dos diferentes atores envolvidos no PROF-FILO, expressando tão somente a opinião da autora sobre o tema.

Brevíssimo histórico de construção do Mestrado Profissional em Filosofia

Pode-se dizer que, com a aprovação pela CAPES, em 2016, do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, um programa de pós-graduação *stricto sensu* em rede nacional, voltado a professores e professoras de Filosofia da Educação Básica, teve início uma alteração expressiva na área de Ensino de Filosofia¹¹. Se, por um lado, o diagnóstico feito por Gelamo

10 Uma exceção digna de nota, como observaremos adiante, é o Encontro Nacional da ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia.

11 Faz-se necessário mencionar que o primeiro mestrado profissional na área teve início em 2015: o curso de *Mestrado Profissional em Filosofia e Ensino*, ofertado pelo Programa de Pós-Gra-

sobre a pós-graduação acadêmica em Filosofia continua válido, pois de fato “é raro encontrar um programa, área ou linha de pesquisa que se interesse pelo assunto ou que tenha como prioridade pensar o ensino da Filosofia”¹², por outro, o PROF-FILO constitui-se como a oportunidade de desenvolvimento de pesquisas de pós-graduação, de natureza profissional, sobre Ensino de Filosofia. Antes de propormos uma discussão acerca da natureza do programa, cabe apresentarmos um brevíssimo histórico da construção do Mestrado Profissional em Filosofia, procurando ressaltar o caráter colaborativo deste processo.

Embora seja impossível identificarmos um marco originário para o PROF-FILO, visto que o programa é fruto do movimento de constituição da área de (Filosofia do) Ensino de Filosofia no Brasil mencionada na seção precedente, sem dúvida podemos atribuir à consolidação do Grupo de Trabalho (GT) *Filosofar e Ensinar a Filosofar*¹³ da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia e aos demais espaços abertos ao ensino da Filosofia pela ANPOF, em suas últimas edições, como fatores fundamentais para a gestação e implementação do PROF-FILO.

O GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar* foi criado em 2006 e, com a obrigatoriedade da disciplina de Filosofia, em 2008, assistiu a um crescimento significativo de participantes a cada edição da ANPOF¹⁴. Desde então, a Associação passou a inserir iniciativas e discussões na área de Ensino de Filosofia dentro

duação em Filosofia e Ensino (PPFEN) do CEFET-RJ (cf. <http://dippg.cefet-rj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=211&Itemid=216>. Acesso em: 09 fev. 2019).

12 Gelamo, R. P., op. cit., p. 35.

13 Cf. <<http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/gt-filosofar-e-ensinar-a-filosofar>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

14 No texto de apresentação do livro *Filosofar e ensinar a filosofar*, da Coleção ANPOF, os organizadores narram que “Em sua primeira reunião (2006) o GT Filosofar e Ensinar a Filosofar contou com 14 trabalhos selecionados. Dez anos depois, no XVII Encontro Nacional da ANPOF (Aracajú-2016), a área contou com a apresentação de 39 trabalhos no GT Filosofar e Ensinar a Filosofar, 40 trabalhos na Sessão Temática (ST) Filosofia e Ensino, 11 trabalhos na ANPOF-Ensino Médio, além de 5 minicursos em torno da temática Ensino de Filosofia” (Alencar et al, 2017, p. 10). Segundo o coordenador do GT (2016-2018), prof. Silvio Carneiro (UFABC), no IV Encontro do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar, realizado em 2017, em Campina Grande, foram aceitas 54 comunicações das 77 propostas submetidas. Já para o XVIII Encontro Nacional da ANPOF (Vitória-2018), foram submetidas ao GT 63 propostas, sendo 47 aceitas. Somando-se as apresentações no GT (47), nas Sessões Temáticas Filosofia e Ensino (93) e Ensino Médio (19) e na ANPOF Ensino Médio (40), tem-se 199 pesquisas apresentadas na área de Ensino de Filosofia durante o XVIII Encontro Nacional da ANPOF. Considerando que este contou com aproximadamente 2.000 comunicações, pode-se afirmar que a área representou cerca de 10% de todo o evento.

de sua página¹⁵ e da programação do evento bianual que organiza. Desta, faz parte, desde 2012, o Encontro Nacional ANPOF Ensino Médio¹⁶, evento composto de relatos de experiência de professores e professoras do Ensino Médio e de um simpósio cuja temática versa sobre a interação entre a pós-graduação e a formação de docentes para a Educação Básica.

No Simpósio de 2012, realizado em Curitiba, em uma Sessão Plenária intitulada “Pós-Graduação e Ensino Médio”, os professores Eduardo Barra (coordenador da mesa), Danilo Marcondes (Coordenador da área de Filosofia/Teologia na Capes (2011-2014), Filipe Ceppas e Patrícia Velasco (integrantes do GT da ANPOF *Filosofar e Ensinar a Filosofar*) deram início aos debates que levariam à proposta de um Mestrado Profissional em Rede na área de Filosofia nos anos seguintes.

O Simpósio do II Encontro Nacional ANPOF-EM, realizado em Campos do Jordão no ano de 2014, por sua vez, foi marcado por uma Assembleia: professoras e professores universitários e da Educação Básica reuniram-se para discutir e votar as primeiras diretrizes para a criação do PROF-FILO. Um fórum virtual antecedeu a reunião em Campos do Jordão; nesta lista de discussão, cerca de 200 participantes debateram o tema “Mestrado Profissional em Filosofia”, postaram informações e pediram esclarecimentos, sinalizando que o PROF-FILO deveria ser uma pós-graduação *stricto sensu* voltada ao aprimoramento da formação profissional de docentes de Filosofia da Educação Básica e o respectivo APCN deveria ser submetido à área de Filosofia. A partir das discussões do fórum de debate, constituíram-se as comunicações dos professores participantes da mesa-redonda do Simpósio – Antonio Edmilson Paschoal (UFPR), Junot Matos (UFPE) e Patrícia Velasco (UFABC) –, sob a mediação do professor Eduardo Barra (UFPR).

15 Cf., por exemplo, o ambiente intitulado Fórum de Debates, no qual há abertura para a discussão de assuntos concernentes ao Ensino de Filosofia, como o debate “A BNCC e o futuro da filosofia no Ensino Médio”. Disponível em: <<http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/forum-anpof/category-items/4-community-forum/556-a-bncc-e-o-futuro-da-filosofia-no-ensino-medio>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

16 Em 2018 ocorreu o IV Encontro Nacional ANPOF Ensino Médio (cf. <<http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/2013-11-25-22-46-01/iv-encontro-nacional-anpof-ensino-medio>>. Acesso em: 09 fev. 2019). Se para o III Encontro de 2016 foram submetidos 28 trabalhos (sendo 13 aceitos e outros 2 encaminhados para a sessão temática *Ensino de Filosofia*), para este IV Encontro, segundo o prof. Christian Lindberg Nascimento (UFS), um dos organizadores do evento, o número de submissões foi quase cinco vezes maior: 136. Destes trabalhos, 40 foram aceitos para serem apresentados no Encontro e outros 28 foram encaminhados para as sessões temáticas *Filosofia e Ensino* e *Ensino Médio*.

Na Assembleia supracitada, decidiu-se pela realização, no dia 03 de dezembro de 2014, na Universidade Federal do Paraná, de uma reunião com todas as instituições interessadas em integrar a rede do programa. Na referida reunião, sob a coordenação dos professores da UFPR Antônio Edmilson Paschoal e Eduardo Barra, estiveram presentes o professor Vinicius de Figueiredo, representante da área na CAPES (2014-2018), e docentes indicados por 37 Instituições de Ensino Superior. As principais diretrizes do PROF-FILO foram debatidas e aprovadas pelos presentes: a instituição sede; a área de concentração e as linhas de pesquisa; as exigências para admissão no programa; critérios mínimos para credenciamento docente. Ademais, discutiram-se algumas orientações sobre o perfil do egresso, a estrutura curricular e o formato do TCC. Por fim, constituiu-se uma Comissão de Sistematização dos pontos do APCN necessários para a criação do novo Programa, a qual foi formada pelas professoras Adriana Mattar Maamari (UFSCar) e Patrícia Del Nero Velasco (UFABC) e pelos professores Antonio Edmilson Paschoal (UFPR), Marcelo Senna Guimarães (UNIRIO), Rafael Mello Barbosa (CEFET-RJ) e Ronai Pires da Rocha (UFSM)¹⁷.

A comissão supramencionada enviou uma primeira proposta às instituições presentes em Curitiba e uma nova reunião colegiada foi marcada para o dia 20 de maio de 2015. A presença nesta última ficou condicionada ao preenchimento do formulário de adesão do núcleo à rede e ao envio de uma carta de anuência da Pró-Reitoria de Pesquisa, ou instância equivalente, concordando com a criação do núcleo local do PROF-FILO em sua Instituição. No encontro do dia 20, a proposta do Mestrado Profissional em Filosofia já era considerada pela CAPES como “induzida” – após a aprovação interna na UFPR e a reunião no dia 27 de abril com o diretor de avaliação da CAPES, professor Lívio Amaral, em Curitiba¹⁸.

Os principais pontos que compõem a proposta do PROF-FILO foram aprovados na supracitada reunião do dia 20 de maio, com a presença de

17 Observa-se que as reflexões fomentadas pelo GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar* se fizeram presentes na proposta de criação do PROF-FILO, visto que três pesquisadores do núcleo de sustentação integraram a Comissão de Sistematização do APCN/Criação do PROF-FILO: Adriana Maamari, Marcelo Guimarães e Patrícia Velasco.

18 Desta reunião, em Curitiba, participaram o coordenador e o vice coordenador da área de Filosofia na CAPES (2014-2016), professores Flávio Senra e Vinicius Figueiredo, o presidente da ANPOF (2015-2016), professor Marcelo de Carvalho, o diretor do setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR, professor Eduardo Barra, a coordenadora de programas *stricto sensu* da UFPR, professora Vânia Aparecida Vicente, e o professor Antônio Edmilson Paschoal, coordenador do processo de criação do PROF-FILO.

22 instituições, e a partir desta data algumas comissões *ad hoc* realizaram o fechamento dos textos que compuseram o APCN submetido à CAPES. A aprovação da proposta foi publicada no dia 25 de abril do ano seguinte - 2016 - e a primeira atividade pública do PROF-FILO foi o lançamento, em setembro do mesmo ano, do Edital de Seleção de Alunos, turma 2017-2019. Já as atividades acadêmicas têm como marco inicial a aula inaugural ministrada pela professora Marilena Chauí no teatro da Reitoria da UFPR, no dia 10 de abril de 2017¹⁹.

Para um histórico mais detalhado do processo de criação do Mestrado Profissional em Filosofia, a leitora e o leitor podem consultar a página do programa, disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/historico/>>. As breves linhas desta seção tiveram apenas o intuito de evidenciar que o PROF-FILO é fruto de um longo processo de discussão coletiva, sendo este caráter colaborativo, uma das características distintivas do programa.

PROF-FILO: estrutura curricular e outros dados do programa

O Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), como expresso em seu Regulamento Nacional, “é um programa de pós-graduação destinado a ofertar curso de mestrado em Filosofia, na modalidade mestrado profissional, em rede, com abrangência nacional, e tem como público os professores de Filosofia na Educação Básica, preferencialmente aqueles que atuam nas escolas das redes públicas de ensino”²⁰. Objetiva-se “uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia, em especial no Ensino Médio”²¹ e, por conseguinte, a melhoria da qualidade do ensino de Filosofia na Educação Básica.

Em 2018, a rede do PROF-FILO era composta por 16 núcleos ativos – Universidade Federal do ABC, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal de Campina Grande, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal do Mato Grosso

19 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yAq7oyrv1E>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

20 Regulamento do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/regulamento/>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

21 Idem.

do Sul, Universidade Estadual de Montes Claros, Universidade Estadual do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Piauí e Universidade Federal do Tocantins –, tendo como sede a Universidade Federal do Paraná (cf. <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/>>)²².

As primeiras turmas do PROF-FILO iniciaram as atividades em 2017 e as respectivas defesas têm como prazo abril de 2019²³. O processo seletivo inaugural realizado em 2016 (turma 2017-2019) teve 165 candidatos/as aprovados/as e 157 classificados/as dos/as 437 inscritos/as (<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/noticias/prof-filo/>>). Em 2017 (turma 2018-2020) foram 336 inscrições e 139 aprovações (<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/noticias/resultado-3a-etapa-arguicoes/>>). Já no terceiro processo seletivo, em 2018 (turma 2019-2021), o número de inscritos/as e de aprovados/as foi um pouco maior que no ano anterior: respectivamente, 348 e 149 (<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/noticias/resultado-3a-etapa-arguicoes-2/>>). A síntese dos números apresentados pode ser visualizada na Tabela 1:

22 O Colegiado Nacional do Programa é composto pelo coordenador geral, pelo vice coordenador geral, pelos coordenadores de todos os núcleos locais e por representantes do corpo discente na proporção de 20% dos demais membros. O Comitê Gestor Nacional, por sua vez, é formado por professores representantes de núcleos próximos regionalmente, quais sejam: prof. Alexandre Jordão (UFMA, UFAM, UFT, UFPI); prof. Junot Matos (UFCG, UFC, UFRN, UFPE); profa. Patrícia Velasco (UFABC, UFSCar, UFMT, UFMS) e prof. Samon Noyama (UFES, UNIMONTES, UFPR, UNESPAR).

23 Os prazos máximos de qualificação e defesa são, respectivamente, 18 e 24 meses (prorrogáveis, em casos excepcionais, em até 6 meses). No dia 7 de janeiro de 2019 ocorreu, no núcleo UFPE, a defesa de Gilvânio Moreira Santos, a primeira do Mestrado Profissional em Filosofia.

Universidade	Docentes ²⁴	Inscrit*s 2016	Aprovad*s 2016	Inscrit*s 2017	Aprovad*s 2017	Inscrit*s 2018	Aprovad*s 2018	Total: Alun*s 2017-2018	Total: alun*s 2018-2019
UFABC	11	33	06	33	09	39	10	15	19
UFAM	07	34	09	21	03	12	06	12	09
UFCG	07	25	10	23	12	26	08	22	20
UFC	12	43	14	40	08	25	11	22	19
UFES	07	07	05	15	07	10	04	12	11
UFMA	13	31	13	30	18	34	11	31	29
UFMT	07	19	07	11	02	18	07	09	09
UFMS	08	10	06	15	07	8	06	13	13
Unimontes	08	26	10 + 04	18	11	7	07	21	18
UNESPAR	07	26	10	12	07	22	12	17	19
UFPR	11	49	09	24	10	32	08	19	18
UFPE	17	30	21 + 03	18	13	32	20	34	33
UERN	14	27	13 + 01	15	08	17	09	21	17
UFSCar	05	---	---	16	06	11	07	6	13
UFPI	09	47	14	31	10	38	14	24	24
UFT	17	30	10	14	08	17	09	18	17
Total	160	437	157 + 08 (37,76%)	336	139 (41,37%)	348	149 (42,82%)	296	288

Tabela 1. Os números do PROF-FILO 2016-2018 (Turmas 2017, 2018 e 2019)

24 Os números referentes aos docentes credenciados no PROF-FILO serão comentados posteriormente.

Ensino de Filosofia é a área de concentração do PROF-FILO, a qual se desdobra em duas linhas de pesquisa: *Filosofia e Ensino* e *Prática de Ensino de Filosofia*. A primeira acolhe os estudos mais amplos que refletem sobre a Filosofia enquanto área do conhecimento e suas possibilidades enquanto disciplina da Educação Básica. Discute-se, entre outros, a formação docente para atuação na escola e em espaços não formais; as relações entre Filosofia, ensino e história da Filosofia; o papel formativo da Filosofia; o uso dos textos filosóficos e não filosóficos em sala de aula; os pressupostos filosóficos do ensino e da aprendizagem em Filosofia; a pertinência do livro didático.

A linha de pesquisa intitulada *Prática de Ensino de Filosofia*, por sua vez, abarca investigações sobre metodologias de ensino e processos didáticos, tanto aqueles que dizem respeito à prática docente (atual ou futura) dos/as mestrandos/as do programa quanto às metodologias e didáticas propostas na literatura da área. Priorizam-se, nesta linha, os planejamentos escolares e as práticas – as experiências vivenciadas pelos/as professores/as-discentes do PROF-FILO –, tomando-os como objeto de pesquisa filosófica. Aspectos pedagógicos, culturais e políticos das práticas de ensino são investigados sob uma perspectiva histórica e, igualmente, prospectiva: analisam-se criticamente as práticas já implementadas nas escolas; examinam-se novas formas de ensino e aprendizagem em Filosofia na Educação Básica.

O Mestrado Profissional em Filosofia segue um padrão unificado para todos os núcleos, incluindo o processo seletivo nacional e a oferta das seguintes disciplinas obrigatórias, cada qual contabilizando 4 créditos (60 horas-aula): *Filosofia do Ensino de Filosofia*, *Laboratório de Ensino de Filosofia*, *Seminário de Projetos* e *Seminário de Pesquisa*. Tratemos, ainda que brevemente, de cada uma delas.

Pode-se dizer que *Filosofia do Ensino de Filosofia* é o cerne teórico²⁵ da proposta do PROF-FILO, uma vez que tem como propósito problematizar filosoficamente o ensino da Filosofia, explorando a intrínseca relação entre as diferentes concepções de Filosofia e suas respectivas didáticas. Reflete-se, portanto, sobre os pressupostos filosóficos do Ensino de Filosofia, desnaturalizando a perspectiva tradicionalmente disseminada na Universidade que associa este último exclusivamente às questões pedagógicas.

A disciplina de *Laboratório de Ensino de Filosofia*, por sua vez, é a contrapartida prática da ideia orientadora do programa. Como o próprio nome

25 Não se quer aqui negar a presença das experiências escolares no âmbito da disciplina em questão; com o “teórico” atenta-se tão somente à presença – na disciplina – das reflexões filosóficas basilares que perpassam o Ensino de Filosofia.

sugere, nesta disciplina o Ensino de Filosofia é discutido como um lugar de experimentação do pensamento e de produção filosófica. Neste sentido, pode-se tanto aprofundar a investigação de temas e problemas filosóficos quanto analisar criticamente e/ou criar (novas) práticas²⁶.

A fim de possibilitar aos pós-graduandos e pós-graduandas uma instância de reflexão e aprimoramento das pesquisas desenvolvidas no PROF-FILO, são ofertadas duas disciplinas: *Seminário de Projetos* e *Seminário de Pesquisa*. Oferece-se um espaço para que as diferentes propostas de trabalho de conclusão sejam apresentadas, discutidas e aperfeiçoadas em dois momentos – o da reelaboração do projeto e o de acompanhamento da pesquisa em andamento. As disciplinas em questão pretendem ser, igualmente, uma oportunidade para a própria prática – colaborativa – do exercício filosófico.

Além dos créditos das disciplinas obrigatórias supracitadas, os mestrandos e mestrandas do PROF-FILO também devem cumprir no mínimo 4 créditos (60 horas-aula) de um leque de 6 disciplinas optativas: *Argumentação, Dialética e Retórica*²⁷, *Elaboração de Material Didático*²⁸, *Filosofia na Sala de Aula*²⁹, *História do Ensino de Filosofia no Brasil*³⁰, *Pesquisa em Filosofia e o seu Ensino*³¹, *Tópicos Específicos de Filosofia e o seu Ensino*³².

26 Para uma reflexão sobre a natureza do PROF-FILO a partir da experiência com a disciplina em questão, cf. Freitas, A.; Pisani, M. M. Reflexões acerca da natureza do mestrado profissional em filosofia (PROF-FILO) a partir da experiência com a disciplina “Laboratório de Ensino de Filosofia”. *SOFIA*, Vitória (ES), v. 6, n. 3, p. 47-68, jul./dez. 2017.

27 O objetivo da disciplina *Argumentação, Dialética e Retórica* é discutir a origem e o sentido da retórica, assim como a relação desta com a dialética e os seus possíveis usos didáticos.

28 Na disciplina *Elaboração de Material Didático*, enfoca-se tanto as origens dos materiais e os principais recursos didáticos atuais, como a possibilidade de criação de novos materiais para as diferentes práticas docentes dos professores e professoras discentes do PROF-FILO.

29 As atividades de Filosofia na Educação Básica são o objeto de estudo da disciplina *Filosofia na Sala de Aula*: discutem-se os procedimentos e estratégias metodológicas adotados pelos professores e professoras-cursistas em suas práticas de sala de aula e, igualmente, estudam-se práticas inovadoras que possam contribuir para a compreensão crítica e aprofundada do tema.

30 O título da disciplina *História do Ensino de Filosofia no Brasil* compreende seu objeto de estudo mais geral; pode, eventualmente, incluir investigações acerca da Filosofia como disciplina escolar e sobre a constituição do Ensino de Filosofia como campo de pesquisa.

31 Em *Pesquisa em Filosofia e o seu Ensino*, propõe-se resgatar e valorizar o papel de pesquisador/a e produtor/a de conhecimento do professor e da professora de Filosofia da Educação Básica – desenvolvendo a dimensão investigativa que acompanha o processo de ensino-aprendizagem.

32 A disciplina *Tópicos Específicos de Filosofia e o seu Ensino* tem como objetivo consolidar o campo teórico do ensino da Filosofia na Educação Básica, seja discutindo com maior profundidade os

A fim de obter o título de Mestre em Filosofia conferido pelo PROF-FILO, deve-se ainda integralizar 120 horas de preparação e elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC). Fica a pergunta: no que consiste o trabalho em questão? Assim como as disciplinas do Mestrado Profissional em Filosofia guardam especificidades com relação àquelas usualmente ministradas nos mestrados acadêmicos de Filosofia, os projetos de pesquisa e os trabalhos deles oriundos possuem uma natureza distinta das dissertações defendidas nos programas de mestrado acadêmico: envolvem uma dimensão prática – acolhendo as reflexões sobre as experiências docentes. O texto publicado no Edital de Seleção de 2018 do PROF-FILO é de grande valia para a elucidação da natureza dos projetos em questão:

Incentiva-se que o projeto de pesquisa aproveite alguma necessidade observada ou experiência que vem sendo desenvolvida pelo candidato, ao longo da sua prática profissional como professor de Filosofia na Educação Básica, mas que não foi pensada nem refletida científica e teórico-metodologicamente. Esta experiência, que deverá subsidiar a pesquisa que o candidato deverá realizar no PROF-FILO, poderá versar sobre os processos de ensino-aprendizagem, vinculados à docência no Ensino de Filosofia, entendidos de forma ampla, e/ou situações, problematizações e saberes da experiência, associados ao exercício da prática docente, tomados em reflexões filosóficas.³³

Uma vez que a próxima seção do presente artigo tem como objetivo discutir a natureza do Mestrado Profissional em Filosofia, não se fará, por ora, maiores referências aos projetos desenvolvidos no programa, assim como não se debaterá com maior profundidade acerca do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado no âmbito do PROF-FILO. Atentaremos, neste momento, apenas à descrição do TCC que consta na Seção III do Regulamento:

Art. 45º. O trabalho de conclusão do curso de mestrado profissional em filosofia do PROF-FILO versará sobre um processo planejado e implementado pelo

seus pressupostos filosóficos e seus conteúdos específicos, seja investigando temáticas e procedimentos transdisciplinares e interdisciplinares de ensino.

33 Edital N°001/2018 – PROF-FILO, Seleção de Alunos – Turma 2019-2021. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/files/2018/08/EDITAL-2018-PROF-FILO-PS.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

aluno no contexto de sua prática docente como professor de Filosofia, com o objetivo de alcançar resultados e suscitar discussões que motivem outras intervenções similares em favor da expansão e da melhoria do ensino de Filosofia.

§1º. O trabalho de conclusão deverá ser apresentado no formato de uma dissertação e constará de duas partes, uma teórico-crítica e outra prático-propositiva.

§2º. A primeira parte consistirá de um estudo teórico sobre o tema trabalhado, podendo incluir revisões bibliográficas, estudos sobre temas, autores ou obras da História da Filosofia pertinentes ao tema e análises do saber prático disseminado sobre o tema.

§3º. Desde que contemple o caráter prático precípuo à própria natureza do mestrado profissional, a segunda parte poderá assumir diversos formatos tais como: implantação de propostas curriculares ou de unidades ou sequências didáticas, produção e recepção de publicações e demais recursos didáticos (tais como, mídias audiovisuais ou digitais), desenvolvimento de processos ou instrumentos de avaliação, projetos diversos de intervenção no espaço escolar com o acervo cultural e crítico da Filosofia etc., que serão sempre acompanhados da avaliação da sua aplicação ou implementação em situações reais de sala de aula (ou similares) envolvendo o público-alvo do processo desenvolvido.³⁴

Além dos projetos desenvolvidos pelos/as discentes do PROF-FILO, o programa ainda é composto de projetos de pesquisa executados colaborativamente por professoras e professores credenciados nos diferentes núcleos do PROF-FILO e seus orientandos e orientandas. Dada a impossibilidade, neste artigo, de discutir cada um dos projetos em questão, segue somente a indicação do título e dos/as professores/as e instituições responsáveis por cada qual: “Corpo e educação nas perspectivas da cognição, da justiça e do gênero” (Jose Sergio Duarte da Fonseca, UFPI); “Estágio Supervisionado em Ensino de Filosofia como espaço para construção de identidade profissional: desafios da formação inicial para a docência” (Maria Reilta Dantas Cirino, UERN);

34 Regulamento do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/files/2016/05/Regulamento-PROF-FILO-1.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

“Filosofia, artes e mídias: o pensamento e seus modos de expressão” (Paulo Sergio Gomes Soares, UFT); “Gênese e Crítica da Modernidade: Projeto de formação para o ensino de filosofia” (Francisco Ramos Neves, UERN); “História da filosofia e autonomia de pensamento” (Antonio Edmilson Paschoal, UFPR); “O Impacto do PIBID em Cursos de Licenciatura em Filosofia” (Junot Cornelio Matos, UFPE); “O papel do professor e a função interdisciplinar da filosofia” (Jorge Luiz Viesenteiner, UFES); “Práticas de Ensino de Filosofia no Brasil” (Maria Jose Souza Vidal, UERN).

Cada projeto está associado a uma das linhas de pesquisa do programa e os professores e professoras docentes do PROF-FILO, juntamente com alguns de seus orientandos e orientandas, desenvolvem parte de suas investigações dentro do escopo do projeto coletivo a que estão vinculados. Uma pequena amostra dos trabalhos de conclusão de curso desenvolvidos pelos mestrandos e mestrandas será dada na seção subsequente, momento em que será possível averiguar que muitos destes trabalhos dialogam com as pesquisas coletivas supramencionadas.

Por ora, cabe mencionar que o Mestrado Profissional em Filosofia alterou significativamente o número de profissionais que pesquisam o Ensino de Filosofia vinculados a programas de pós-graduação em Filosofia. Para se ter um exemplo, dos/as 45 professores/as que constituem os núcleos de sustentação e apoio do GT da ANPOF *Filosofar e Ensinar a Filosofar*, 11 são pesquisadores/as em programas de pós-graduação em Educação. Com o PROF-FILO, outros/as 14 pesquisadores/as passaram a integrar os diversos núcleos do programa e, cabe lembrar, 4 outros/as professores/as estão vinculados ao *Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino* (PPFEN) do CEFET-RJ.

Nos dois primeiros anos de vigência do PROF-FILO, contabilizam-se 160 docentes credenciados/as nos 16 núcleos ativos do PROF-FILO: UFABC: 11; UFAM: 7; UFCG: 7; UFC: 12; UFES: 7; UFMA: 13; UFMT: 7; UFMS: 8; UNIMONTES: 8; UNESPAR: 7; UFPR: 11; UFPE: 17; UERN: 14; UFSCar: 5; UFPI: 9; UFT: 17³⁵. E 6 destes profissionais coordenam os seguintes grupos de pesquisa sobre/em Ensino de Filosofia cadastrados no CNPq: *Educação e Ensino de Filosofia* (UFCG); *Ensinar e Aprender na Educação Básica* (UERN); *EFFE – Ensino de Filosofia e Filosofia da Educação* (UFPE); *Estudos Filosóficos sobre a formação Humana* (UFT); *GEPEMFILO – Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia: Metodologia, Didática e Ensino de Filosofia* (UFAM); *LAPEFIL – Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia* (UFABC).

35 Cf. Tabela 1: Os números do PROF-FILO 2016-2018 (Turmas 2017, 2018 e 2019).

Nas agências de fomento à pesquisa e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país, contudo, ainda não há – como anteriormente dito – a sub-área *Ensino de Filosofia* ou *Filosofia do Ensino de Filosofia*. Não obstante o PROF-FILO tenha algum recurso orçamentário (como bolsas para 30% dos/as estudantes matriculados/as), a não existência da sub-área em questão dificulta a submissão de projetos das professoras e professores-pesquisadores vinculados à pós-graduação aos editais de pós-doutorado, estágio sênior etc. Trata-se, a nosso ver, de um dos aspectos que reiteram a já mencionada hierarquia estabelecida na Universidade entre os bacharelados e as licenciaturas, estendendo-a para a pós-graduação³⁶.

Embora a maioria dos filósofos e filósofas seja, hoje, professor/a (e suas atividades se efetuem em um quadro escolar ou universitário), “a atividade de pesquisa constitui o elemento definidor de sua identidade profissional [e, portanto, assim como] ensinar matemática não é uma atividade vista como suficiente para ser matemático – para isso seria preciso, ainda e sobretudo, produzir resultados matemáticos”³⁷ –, cabe ao filósofo e à filósofa produzir filosofia para serem reconhecidos pelos seus pares. Propõe-se, nas linhas que se seguem, uma reflexão sobre a natureza do Mestrado Profissional em Filosofia a partir, sobretudo, das atividades de pesquisa desenvolvidas no programa. Em última instância, defende-se que:

*A pesquisa em Filosofia tem de ser uma pesquisa engajada. Por engajamento, porém, não entendo exclusivamente engajamento político, mas antes, um modo de ser muito particular da nossa relação com o tempo presente, e que consiste em uma tomada de distância da situação em que nos encontramos, mas no interior dessa mesma situação, ou seja, um duplo distanciamento: distanciamento da situação, na situação.*³⁸

36 Sobre os problemas decorrentes da institucionalização da Filosofia e da consequente aceitação de um e único modo de se fazer pesquisa na área - “Como fazer parte da comunidade filosófica vivenciando uma relação com outras filosofias e/ou outras maneiras de filosofar que não fazem parte do modelo reconhecido e valorizado?” -, cf. Velasco, 2018.

37 Miguel, A.; Garnica, A. V.; Iglioni, S. B.; D’Ambrósio, U. A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua disciplinarização. *Revista Brasileira de Educação*, nº 27, p. 70-93, Set-Dez. 2004, p. 84.

38 Viesenteiner, J. L. Entre o engajamento e o rigor conceitual. In: Dutra, J. C.; Goto, R. (Org.). *O filosofar, hoje, na pesquisa e no ensino de filosofia*. Blumenau: IFC, 2018, p. 26.

Sobre a natureza do Mestrado Profissional em Filosofia

A presente seção pretende ser um exercício, uma experiência de pensamento sobre a natureza do PROF-FILO: um olhar de alguém que, imerso nas atividades do programa, procura algum afastamento (possível?) para discutir o tema em questão; uma tentativa de exercer o *duplo* distanciamento a que Viesenteiner faz menção. Neste sentido, tomo a liberdade de escrever algumas passagens na primeira pessoa do singular – reiterando a ideia de que se trata de *uma* perspectiva possível sobre essa temática tão controversa.

Os programas profissionais do tipo PROF, em rede, voltados para a formação de professores, embora tenham objetivos muito semelhantes ao PROF-FILO (a melhoria da qualidade do ensino de seus respectivos componentes curriculares na Educação Básica), realizam-nos de modo bastante distinto no que diz respeito à constituição dos referidos programas: grande parte das disciplinas cursadas pelos mestrandos e mestrandas tem caráter conteudista, visando suprir o que cada área considera como deficiência formativa de suas licenciaturas. Pode-se dizer, em sentido amplo, que os programas citados procuram prover os/as mestrandos/as de (mais) Matemática, Física, Biologia, História, Sociologia etc., uma vez que têm como foco de atuação primordial a reposição, reciclagem e atualização do domínio teórico-conceitual e das metodologias de ensino-aprendizagem. Entende-se que, com os PROFs, as lacunas de formação dos/as professores/as em exercício seriam, senão sanadas, ao menos amenizadas³⁹.

Nas primeiras discussões coletivas sobre a estrutura, os objetivos e a natureza do Mestrado Profissional em Filosofia, indagamos: seria objetivo de um mestrado profissional cobrir as lacunas que os cursos de licenciatura mal constituídos não conseguem preencher? Ou ainda: deve este mestrado fazer o papel de uma “segunda licenciatura” para aqueles/as graduados/as em outras áreas? Em diferentes ocasiões, respondi veementemente “não” para ambas as perguntas.

Entendo que em um primeiro momento somos tentados a pensar que um mestrado profissional em Filosofia deva tratar de sanar a defasagem com relação à formação especificamente filosófica, oferecendo os temas, problemas, teorias e bibliografias que julgamos essenciais àqueles e àquelas que ministrarão a disciplina de Filosofia. Mas sustentar essa ideia significa

39 Até 2018 contabilizavam-se, com o PROF-FILO, 11 Programas de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica – ProEB. Para acesso às páginas institucionais de cada PROF, cf. a página do ProEB na CAPES, disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/proeb>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

decidir quais temas, problemas, autores/as e afins julgamos primordiais. E definir, de antemão, uma decisão que em última instância deveria caber ao próprio professor e à própria professora: a escolha do conteúdo programático a ser ministrado. Além disto, compreender o PROF como reposição, reciclagem e atualização de conteúdos significa assumir a supremacia do saber universitário com relação aos saberes escolares, os quais, certamente, não se encerram no primeiro⁴⁰.

No mais, não compreendemos os mestrados acadêmicos na área como a oportunidade de suprir lacunas formativas; ao contrário, criamos processos seletivos rigorosos que requerem uma boa formação filosófica do/a ingressante e ofertamos disciplinas que pressupõem alguma familiaridade do/a discente com o tema/problema/autor trabalhado, uma vez que estes serão tratados com ainda maior rigor e profundidade filosóficos. “Afinal” – diríamos – “trata-se de uma pós-graduação!”. Por que, então, naturalizou-se entre nós a ideia de que em um mestrado profissional cabem a reciclagem e a atualização de conteúdo? Por que somos, a princípio, inclinados a pensar o PROF-FILO como uma espécie de “segunda licenciatura”? Preconceito com o público-alvo – professores/as da Educação Básica –, inapto para a pesquisa? Herança da hierarquia estabelecida na Universidade entre bacharéis e licenciados?⁴¹ Receio de ter que reconhecer que não sabemos fazer pesquisa que não seja bibliográfica ou que, a despeito da filosofia universitária ser, “em grande medida, essa arena em torno do juízo correto”⁴², há outras maneiras de filosofar e outros modos de pesquisar em/sobre Filosofia?

Segundo o Artigo 4º da portaria normativa Nº 17, de 28 de dezembro de 2009, a qual “Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES”:

40 “As experiências e teorias sobre formação de educadores têm deixado claro a necessidade de considerar nesta formação a diversidade de dimensões que a atuação do professor envolve, de modo que o desenvolvimento profissional do professor se realize nessa multiplicidade, uma vez que se entende que esta ocorra necessariamente no próprio sujeito” (Souza, C. P.; Placco, V. M. S. Mestrados Profissionais na área de Educação e Ensino. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 25, n. 47, p. 23-35, set./dez. 2016, p. 26).

41 “Em nossas universidades, geralmente se estimula a formação do ‘aluno-pesquisador’, considerando-se que as mentes mais ‘lúcidas’ devem estar a serviço da pesquisa e produção filosóficas. No entanto, aqueles que não mostram, na visão dos professores-pesquisadores consolidados, qualidades apropriadas para a pesquisa, são aconselhados a dedicar-se ao ensino da filosofia. Aos que não podem ser ‘pesquisadores filosóficos’ se aconselha que sejam ‘professores de filosofia’” (Gallo, S.; Kohan, W., op. cit., p. 181).

42 Ceppas, F. Desencontros entre ensinar e aprender filosofia. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 15, nov/2010-abr/2011, p. 50.

São objetivos do mestrado profissional:

I - capacitar profissionais qualificados para o exercício da prática profissional avançada e transformadora de procedimentos, visando atender demandas sociais, organizacionais ou profissionais e do mercado de trabalho;

II - transferir conhecimento para a sociedade, atendendo demandas específicas e de arranjos produtivos com vistas ao desenvolvimento nacional, regional ou local;

III - promover a articulação integrada da formação profissional com entidades demandantes de naturezas diversas, visando melhorar a eficácia e a eficiência das organizações públicas e privadas por meio da solução de problemas e geração e aplicação de processos de inovação apropriados.⁴³

A capacitação pretendida pelo Mestrado Profissional, portanto, objetiva uma prática profissional *avançada*, transferindo conhecimento para a sociedade e promovendo a articulação entre a formação profissional e as demandas de naturezas diversas. Considerando que a prática profissional em questão é a docência na Educação Básica e a formação do/a professor/a não se encerra na Licenciatura – desenvolvendo-se a partir da realidade escolar, em constante mudança –, o Mestrado Profissional estabelece-se como *lôcus* privilegiado para a articulação entre a formação inicial do/a professor/a, sua prática profissional e as demandas sociais e políticas da Educação⁴⁴.

Por estas razões, e levando em conta a carga horária do curso e o tempo ínfimo de integralização dos mestrados, posicionei-me desde sempre contrária à constituição do Mestrado Profissional em Filosofia para oferta de formação filosófica e/ou pedagógica complementar, seja aos graduados e graduadas

43 BRASIL. Ministério de Estado da Educação. *Portaria Normativa* Nº. 17, de 28 de dezembro de 2009. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria-Normativa_17MP.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2019.

44 “Se compreendemos o valor indiscutível dos conhecimentos técnico-científicos, se reconhecemos, na sociedade atual, o rápido desenvolvimento de todas as áreas, entendemos que o profissional egresso das instituições formadoras não pode sentir terminada sua formação. Na realidade, se não continuar acompanhando os progressos havidos em sua área, se não continuar estudando, pesquisando, questionando sua área de conhecimento, buscando novas informações, analisando-as e incorporando-as à sua formação básica, sua prática em sala de aula será rapidamente ultrapassada, seus conhecimentos restarão obsoletos, seus conhecimentos serão questionados por alunos e pares. Para evitar isso, o professor terá que estudar e pesquisar continuamente” (Souza, C. P.; Placco, V. M. S., op. cit., p. 29-30).

de outras áreas que exercem a profissão de professores e professoras de Filosofia ou aos próprios licenciandos e licenciandas “malformados” em Filosofia. Para tanto, existem os cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização⁴⁵. Defendo que devemos focar nas práticas profissionais qualificadas para o exercício do magistério em Filosofia, pesquisando filosoficamente o ensino da Filosofia e pedagogicamente a própria Filosofia, elaborando técnicas e produtos para a sala de aula.

A ideia supramencionada é compartilhada por grande parte dos/as envolvidos/as com o programa e reiterada pelas/nas disciplinas do curso; nestas, como exposto em seção anterior, não se enfatizam os conteúdos filosóficos em detrimento das questões educacionais e nem o contrário. Priorizam-se os problemas relativos ao ensino e à aprendizagem de/em Filosofia, os pressupostos deste ensino e desta aprendizagem, assim como estratégias e materiais que viabilizem, de modo fecundo e significativo, a presença da Filosofia em sala de aula. Valorizam-se, nas disciplinas (e, como veremos, também nas pesquisas), os intitulados *saberes da experiência*, saberes produzidos pelos professores e professoras em seu ofício docente, reflexões sobre a prática cotidiana na escola, mediatizadas pelas leituras e pelos encontros⁴⁶.

A mobilização dos saberes da experiência faz-se necessária ao processo de ressignificação da identidade dos/as docentes; uma identidade em constante revisão, dadas as igualmente constantes mudanças de exigências sociais e pedagógicas.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque preñhes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também pelo significado que cada professor, enquanto ator e

45 São inúmeros os cursos de extensão e aperfeiçoamento em Ensino de Filosofia; na modalidade lato senso, podemos citar dois cursos de *Especialização em Ensino de Filosofia* na modalidade a distância: o curso oferecido pelo Laboratório de Ensino de Filosofia e Formação de Professores (Lenfop-DME) da Universidade Federal de São Carlos, e o curso oferecido Universidade Federal de Pelotas.

46 Sobre os saberes da experiência, cf. Pimenta, S. G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

*autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.*⁴⁷

Em alguma medida, o PROF-FILO visa contribuir para a referida ressignificação identitária dos professores e professoras em exercício. As disciplinas e as pesquisas na esfera do Mestrado Profissional em Filosofia não almejam prioritariamente oferecer mais conceitos, teorias ou literatura filosófica aos/as discentes professores/as, embora inevitavelmente ampliem o leque conceitual, teórico e bibliográfico dos mestrandos e mestrandas; não objetivam, igualmente, meramente evidenciar e sistematizar os saberes da experiência. Ao integrarem teoria e prática, saberes e experiências, filosofia e ensino, as atividades de ensino e pesquisa do PROF-FILO colaboram para a elaboração das identificações que cada professor/a mestrando/a “assume a partir das atribuições que lhe são imputadas pelo sistema, pela escola, pela gestão, pelos pares, por pais e alunos e por si mesmo”⁴⁸. Logo, constituem-se não só como formativas, mas autoformativas – permitindo “que a experiência da educação seja uma experiência formativa de si mesmo, de forma crítica e criativa”⁴⁹.

A pesquisa desenvolvida pelos/as professores/as mestrandos/as do PROF-FILO é “interessada, no sentido de que se destina ao planejamento e execução de um determinado processo (tais como materiais didáticos, planos de aulas, unidades curriculares, projetos de ensino, ações interdisciplinares etc.)”⁵⁰. Assim, o desenvolvimento de técnicas e produtos de aprendizagem é parte constituinte das pesquisas do Mestrado Profissional em Filosofia.

Como previsto por Barra, a *elaboração de material didático* é uma atividade presente em inúmeras dissertações do PROF-FILO. Nestas, pode vir acompanhada (1) de um arsenal teórico mínimo sobre o assunto (revisão de literatura sobre um tema, por exemplo), (2) de uma pesquisa complementar ou indicação de/sobre outros materiais disponíveis; (3) da proposta de uma

47 Idem, p. 19.

48 Souza, C. P.; Placco, V. M. S., op. cit., p. 33.

49 Gallo, S.; Kohan, W., op. cit., p. 196.

50 Barra, E. Da ANPOF_EM ao PROF da Filosofia: uma mobilização em vias de atingir a pós-graduação. Disponível em: <<http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/forum-anpof/item/131-a-anpof-e-o-ensino-medio/311-da-anpof-em-ao-prof-da-filosofia-uma-mobilizacao-em-vias-de-atingir-a-pos-graduacao>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

sequência didática de uso do material elaborado; (4) por fim, do relato do/a professor/a-pesquisador/a e/ou dos/as discentes do Ensino Médio sobre a(s) aula(s) em questão.

Na UFCG, Ijaelson Clidório Pimentel costura os tópicos supramencionados ao usar a filosofia africana para propor um ensino de filosofia em afroperspectivismo, apropriando-se de modo particular da abordagem do filósofo camaronês Marcien Towa no livro *Por uma filosofia negro-africana*. Já no núcleo UFABC, a pesquisa de Cristiane de Lima Quadros aborda os tópicos supracitados ao tratar da medicalização da vida e do sofrimento animal – oferecendo uma abordagem possível para o ensino de Bioética na Educação Básica. E Fabrício Ramos Rodrigues incorpora os mesmos tópicos ao propor práticas argumentativas que têm como finalidade colaborar com os alunos do Ensino Fundamental II na formação de argumentos mais rigorosos e comprometidos com a civilidade. As relações entre práticas argumentativas e aulas dialógicas são também objeto de estudo de Milla Tamires Amorim Pereira, discente do núcleo da UFMA. Em sua pesquisa, a mestranda explora a relevância do estudo da lógica informal para alunos do Ensino Médio.⁵¹

Além da lógica, outras áreas da Filosofia são abordadas e fundamentadas nos trabalhos escritos pelos mestrandos e mestrandas do PROF-FILO. Ademais, discutem-se as *relações entre Filosofia e currículo*, seja a partir da análise de propostas curriculares para a disciplina, seja no viés mais amplo das políticas educacionais e do caráter político do currículo. Na UFABC, Arlison Frank Lisboa Alves objetiva analisar de que modo as atuais políticas educacionais, em sua relação com as dinâmicas econômicas neoliberais, produzem discursos, documentos e modos de ser – ressignificando os sentidos de ser professor e da escola pública, bem como a presença da disciplina Filosofia no Ensino Médio. Já Daniel da Silva Cruz, da UFAM, tendo como pano de fundo as discussões sobre a constituição e a efetividade do currículo na formação dos/as estudantes, procura explicitar a concepção filosófica da Proposta Curricular do Ensino Médio de Filosofia do Estado do Amazonas (PCAM-Filo).

Temáticas clássicas e contemporâneas da Filosofia são igualmente tratadas no escopo das pesquisas desenvolvidas pelos/as professores/as discentes do

51 A coleta de informações sobre os títulos e resumos das pesquisas junto aos núcleos ocorreu em um breve período de tempo, o qual, infelizmente, ainda coincidiu com as férias de diversos/as docentes. Assim, os exemplos que ilustram os trabalhos desenvolvidos pelos mestrandos e mestrandas do PROF-FILO compreendem uma pequena amostra das múltiplas possibilidades de pesquisa no Mestrado Profissional em Filosofia. Desculpo-me com os núcleos que não tiveram seus trabalhos citados por conta do período de coleta dos dados e agradeço imensamente àquelas e àqueles que conseguiram enviar as informações solicitadas, imprescindíveis para a discussão aqui proposta.

PROF-FILO. *Gênero, sexualidade e feminismo*, por exemplo – presentes de diversas formas nas escolas (como problemas do cotidiano escolar; como vivências não refletidas; como assunto dos alunos e alunas nas redes sociais; como tema de projetos que envolvem a comunidade local; entre outras) –, são problematizados no âmbito do PROF-FILO: tornam-se objeto de investigação filosófica, tendo como objetivo tanto o seu aprofundamento teórico quanto o ensaio de possíveis estratégias para lidar com sua presença nas escolas e no cotidiano dos/as jovens.

Como exemplo, temos o trabalho de Catherine Melo Alves, discente do núcleo UFT do PROF-FILO, no qual se discute a intolerância de gênero no espaço escolar a partir de excertos da *Genealogia da Moral*, de Nietzsche. A pesquisa, que inclui um levantamento de dados sobre legislações educacionais que fazem referência ao tema e de estatísticas da violência de gênero na sociedade e nas escolas, tem como público-alvo alunos e alunas do Ensino Médio público de Palmas (TO). A partir das aulas de Filosofia com a professora Catherine, estes/as discentes produzirão vídeos nos quais apresentarão suas perspectivas sobre intolerância de gênero na esfera escolar.

Outra pesquisa na área é a de Ana Paula Medeiros de Mariz, desenvolvida em Caicó, no núcleo UERN. Intitulado “A invisibilidade da mulher na filosofia”, o projeto visa discutir a falta de visibilidade das mulheres na literatura da área e, de modo mais geral, no modo como produzimos e divulgamos conhecimento. Já Adriana Gonçalves de Freitas, da UFABC, trará a Filosofia e o Feminismo como um dos seus temas de pesquisa, mas com uma abordagem bastante distinta do trabalho anteriormente citado: a partir de anotações cotidianas em seu diário de campo, procurará problematizar o ensino da Filosofia por meio de temas filosóficos como a Filosofia e o Feminismo, tendo como referencial a História da Filosofia.

A discussão clássica sobre as *relações entre a Filosofia e sua história* constituiu-se como objeto de diversas pesquisas do PROF-FILO, sendo abordada de diferentes modos e a partir de literaturas variadas. Se no trabalho de Adriana de Freitas o feminismo é o mote para problematizar de que modo a História da Filosofia pode ser tratada no Ensino Médio, na UFAM Pedro Paulo Cavalcante Soares faz uso do pensamento hegeliano para discutir a questão: “É possível ensinar Filosofia no ensino médio sem recorrer à História da Filosofia e aos seus conteúdos filosóficos?”.

A pesquisa de André Bagatini, da UFPR, também explora as relações entre Filosofia e História da Filosofia, mas o faz a partir de discussões sobre a leitura de textos filosóficos: contrapõe a leitura estrutural de textos filosóficos

proposta por Goldschmidt à abordagem de leitura atribuída à Merleau-Ponty (e às reflexões do filósofo sobre as relações entre Filosofia e História da Filosofia) – caracterizada como “difícil equilíbrio” entre diferentes pares de opostos complementares: o explícito e o impensado de um texto; o ponto de vista do autor e o do leitor etc. A pesquisa de mestrado em questão também inclui uma proposta de metodologia do ensino de Filosofia centrada na leitura como “difícil equilíbrio” – costurando os aspectos teóricos e práticos da Filosofia e de seu ensino.

Antes de explorarmos a tematização, no PROF-FILO, das possibilidades metodológicas para o ensino da Filosofia, cabe mencionar outros dois trabalhos que discutem a *leitura dos textos filosóficos*, a saber: o de Fagner Veloso da Silva, mestrando da UFCG que investiga possíveis contribuições da hermenêutica ricoeuriana para a potencialização da leitura de textos filosóficos; e o de Gilvan Albuquerque Lima, discente da UFABC que procura aplicar “os elementos para a leitura dos textos filosóficos” de Frédéric Cossutta como instrumento didático-pedagógico e como instrumento para recortes textuais.

As *possibilidades metodológicas para o ensino da Filosofia* e suas respectivas reflexões teóricas, acima citadas, são recorrentes nas pesquisas do Mestrado Profissional em Filosofia. Grande parte dos trabalhos inclui ao menos a aplicação de alguma metodologia em sala de aula e o relato da experiência vivenciada. No núcleo UFABC, Priscila Martins Ferreira Silva desenvolve uma proposta metodológica que considera o texto teatral como forma de suscitar a reflexão filosófica. Para tanto, utiliza-se em suas aulas no Ensino Médio da peça teatral *Entre quatro paredes*, do filósofo Jean-Paul Sartre, e do método *Teatro do Oprimido*, do teatrólogo Augusto Boal. Jacklene Briglia Amoêdo, por sua vez, busca compreender a questão do método em Descartes e, a partir deste, refletir sobre alternativas metodológicas para o ensino da Filosofia no nível médio. A pesquisa em questão é realizada no núcleo UFAM do PROF-FILO.

Além da problematização sobre materiais didáticos e metodologias de ensino, as pesquisas do Mestrado Profissional em Filosofia também se detêm sobre *recursos didáticos*, sejam visuais (fotografias, gravuras etc.), auditivos (músicas, por exemplo) ou audiovisuais (filmes, documentários, vídeos do YouTube, entre inúmeros outros). O uso de *novas tecnologias em sala de aula* é tomado como objeto de investigação em algumas pesquisas do PROF-FILO. Na UFAM, Najara Encarnação Leão Moreira propõe novas ferramentas tecnológicas de ensino colaborativo como recurso didático para o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Fulvio de Moraes Gomes, da UFABC, motivado pelo ambiente em que leciona – um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia –, desenvolve uma proposta de vídeos educacionais para o ensino da Filosofia.

A questão da *avaliação em Filosofia*, assunto controverso e pouco explorado na literatura sobre Ensino de Filosofia, também figura como objeto de pesquisa do PROF-FILO. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Suedson Relva Nogueira, no qual, a partir da obra *O mestre ignorante*, de Jacques Rancière, discute-se o processo avaliativo na disciplina de Filosofia de uma escola estadual de Caicó, Rio Grande do Norte.

Em diversas pesquisas, as experiências já realizadas pelos/as professores/as-discentes do Mestrado Profissional em Filosofia são tematizadas, problematizadas e aprimoradas nos respectivos trabalhos de conclusão de curso. Estes últimos trazem relatos e reflexões fundamentais sobre metodologias e práticas bem-sucedidas de ensino de Filosofia, as quais, até o PROF-FILO, careciam de um registro mais acurado.

A última década, marcada pela obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio, assistiu à proliferação das possibilidades para a Filosofia em sala de aula – sejam iniciativas individuais, sejam aquelas fomentadas pelos Programas de Formação de Professores da Educação Básica⁵². O Mestrado Profissional em Filosofia abre a possibilidade para que estas iniciativas sejam documentadas, analisadas, refletidas, aprimoradas. E publicizadas – podendo ser usadas ou adaptadas em outros contextos escolares e regiões do país.

A *interlocução entre o PROF-FILO e o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*, um dos programas de formação supra referidos, é notória. E tal integração ocorre tanto com relação à problematização das atividades do PIBID realizadas nas pesquisas do Mestrado Profissional em Filosofia, quanto no que diz respeito aos/às agentes envolvidos/as nos programas.

Um exemplo do primeiro aspecto é o projeto intitulado “A experiência do PIBID-Filosofia Caicó-RN na formação docente: impactos na construção de metodologias para o ensino de filosofia”, no qual Sueny Nóbrega Soares de Brito investiga as contribuições do subprojeto PIBID-Filosofia da UERN para a formação docente dos/as licenciados/as, considerando, igualmente, os possíveis impactos na sua ação efetiva profissional.

O núcleo UERN do PROF-FILO também acolhe a pesquisa “Um ensino Menor de Filosofia a partir da perspectiva Deleuze-Guattariana e do Projeto Consultório Filosófico do PIBID de Filosofia da UFRN”, de Magnun Luiz de Oliveira. Em sua dissertação, o professor-pesquisador explora o projeto “Consultório Filosófico” desenvolvido no âmbito do PIBID da UFRN. Trata-se

52 Alguns destes são ações da Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB/CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

de um projeto conhecido pelos demais participantes do PIBID-Filosofia, uma vez que foi apresentado no II Encontro Nacional PIBID-Filosofia⁵³. Este trabalho, além de tematizar as atividades do PIBID, contempla também o segundo aspecto mencionado de integração entre o PROF-FILO e o PIBID, a saber, aquele que diz respeito aos/as agentes envolvidos/as nos programas em questão: o mestrando do PROF-FILO Magnun Luiz de Oliveira é ex-bolsista de iniciação à docência e ex-professor supervisor do PIBID.

O maior exemplo de integração entre o PIBID e o Mestrado Profissional em Filosofia, contudo, talvez seja o da Universidade Estadual do Paraná, Campus União da Vitória: na turma ingressante em 2017 do núcleo UNESPAR do PROF-FILO, eram três as mestrandas, hoje professoras (uma efetiva e duas temporárias), que foram bolsistas de iniciação à docência do subprojeto Filosofia do PIBID-UNESPAR; na mesma turma 2017-2019, ingressaram no PROF-FILO cinco professores que foram supervisores do PIBID. Na mesma instituição, em 2018 ingressaram dois ex-bolsistas de iniciação à docência e dois ex-professores supervisores. Logo, dos 17 mestrandos e mestrandas do núcleo da UNESPAR entre 2017 e 2018, 12 participaram do PIBID.

Os números mencionados mostram que a valorização, na graduação, de uma formação que promove o exercício da docência como atividade intelectual, indissociável da pesquisa científica, não só é desejável como, também, possível. E tem como consequência a formação de um/a professor/a que é pesquisador/a de sua área e de sua futura *práxis* docente, candidato/a nato/a ao Mestrado Profissional em Filosofia. Este último, por seu turno, cumpre a imprescindível tarefa de garantir uma formação continuada de qualidade aos/as docentes de Filosofia em exercício na Educação Básica, propiciando ao egresso da graduação a oportunidade de continuar pesquisando e problematizando o ensino e a aprendizagem em Filosofia.

Neste sentido, o PROF-FILO expande para a pós-graduação os debates próprios ao ensino da Filosofia, aprofundando-os. Ao tomar o Ensino de Filosofia, na pós-graduação, como objeto de pesquisa filosófica, o Mestrado Profissional em Filosofia mobiliza uma agenda e um repertório formativos próprios. E atende a um público-alvo que não necessariamente pretende cursar um mestrado acadêmico, mas carece de um espaço universitário em que possa pesquisar e compartilhar – com rigor conceitual, cuidado argumentativo e profundidade teórica –, sua própria prática docente.

53 Cf. Varela et al. Em busca de novos territórios filosóficos. In: Cilento, A.; Pereira, M.; Velasco, P. (Org.). *II Encontro Nacional PIBID-Filosofia: memórias e reflexões*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017, p. 197-2014.

Diferente do mestrado acadêmico, o PROF-FILO pode produzir, não só deslocamentos e desconfigurações nos modos de perceber, pensar e analisar, mas, principalmente, deslocamentos nos modos de agir e atuar, uma vez que a pergunta o que pode o PROF-FILO? requer que se problematize, obrigatoriamente, o que pode uma aula?, o que pode um professor?, o que podem os estudantes-professores?, o que pode uma disciplina do PROF-FILO?, o que pode um professor da educação básica?, o que pode o ensino médio?, o que pode o ensino de filosofia?, o que pode a educação?, etc.⁵⁴

Se o PROF-FILO, por um lado, constitui-se como um local privilegiado para que os professores e as professoras de Filosofia em exercício na Educação Básica possam mobilizar os saberes de sua própria experiência, problematizar as diferentes potencialidades que constituem a realidade escolar a que fazem menção Freitas e Pisani, deslocar seus modos de agir e atuar, e ressignificar sua identidade enquanto professores/as, de outro, compreende uma oportunidade riquíssima para os pesquisadores e as pesquisadoras das universidades repensarem os cursos de formação docente, as necessidades formativas efetivas dos/as licenciandos/as em Filosofia e as teorias e referenciais bibliográficos usados em sala de aula, atualizando-se acerca do cotidiano escolar. Ao possibilitar o encontro de todos aqueles e aquelas que pensam e atuam no ensino da Filosofia, reduzindo drasticamente a distância entre as pesquisas universitárias e as práticas docentes desenvolvidas na Escola, o Mestrado Profissional em Filosofia permite também aos pesquisadores e às pesquisadoras da Universidade, repensar seu ofício, ressignificando sua identidade docente.

Em última instância, o PROF-FILO firma-se como espaço do Ensino de Filosofia enquanto um campo epistemológico e profissional autônomo, produtor de conhecimentos e de práticas sociais próprios; constituído dos diversos encontros entre todas e todos os atores envolvidos com a Filosofia nas escolas. E, a meu ver, só há sentido no ensino e na aprendizagem de/em Filosofia se forem concebidos como *prática social*, atividade realizada “por um conjunto de indivíduos que produzem conhecimentos, e não apenas ao conjunto de conhecimentos produzidos por esses indivíduos em suas atividades”⁵⁵.

54 Freitas, A.; Pisani, M. M. Reflexões acerca da natureza do mestrado profissional em filosofia (PROF-FILO) a partir da experiência com a disciplina “Laboratório de Ensino de Filosofia”. SOFIA, Vitória (ES), v. 6, n. 3, p. 47-68, jul./dez. 2017, p. 66.

55 Miguel, A.; Garnica, A. V.; Igliori, S. B.; D’Ambrósio, U., op. cit., p. 82.

A consolidação do Mestrado Profissional em Filosofia acaba por demarcar um terreno próprio no cenário acadêmico nacional para as reflexões filosóficas sobre “ser professor/a de Filosofia”, evitando o problema diagnosticado por João Cruz Costa que perdura por cerca de sessenta anos: “por melhores que possam ser os programas [de formação docente], por mais enfeitados que sejam, nada se fará se o professorado não possuir uma base sólida de preparo e consciência clara do seu trabalho”⁵⁶. E esta base sólida só é possível se assumirmos que a docência envolve e requer pesquisa – uma pesquisa que tem especificidades, objetivos e métodos próprios, assim como resultados que extrapolam a letra do texto. Se a filósofa e o filósofo, hoje, dificilmente escapam do ofício de dar aula, por que resistimos tanto à ideia de pesquisa quando se trata da área de Ensino de Filosofia?

No mais, à guisa de conclusão, subscrevo as palavras de Marcos Lorieri no posfácio da obra *O filosofar, hoje, na pesquisa e no ensino de filosofia*:

*Temos várias tarefas como pesquisadores-filósofos: identificar caminhos já percorridos desta investigação, proceder à sua análise crítica, acrescentar algo a eles, por exemplo, ajustes ou novos caminhos. Além destas, temos a tarefa de dar a conhecer os resultados dessas pesquisas para os demais seres humanos e incentivar o surgimento de novos pesquisadores para a área.*⁵⁷

56 Cruz Costa, J. A situação do ensino filosófico no Brasil. In: _____. *Panorama da História da Filosofia no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1959, p. 115.

57 Lorieri, M. A. Posfácio. In: Dutra, J. C.; Goto, R. (Org.). *O filosofar, hoje, na pesquisa e no ensino de filosofia*. Blumenau: IFC, 2018, p. 127.

Referências

- ALENCAR, M. V.; CARNEIRO, S. R. G.; CORREIA, A.; PASCHOAL, A. E. *Filosofar e ensinar a filosofar*. São Paulo: ANPOF, 2017. (Coleção XVII Encontro ANPOF)
- BARRA, E. *Da ANPOF_EM ao PROF da Filosofia: uma mobilização em vias de atingir a pós-graduação*. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/forum-anpof/item/131-a-anpof-e-o-ensino-medio/311-da-anpof-em-ao-prof-da-filosofia-uma-mobilizacao-em-vias-de-atingir-a-pos-graduacao>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- BRASIL. Ministério de Estado da Educação. *Portaria Normativa Nº. 17*, de 28 de dezembro de 2009. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/PortariaNormativa_17MP.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.
- CEPPAS, F. Desencontros entre ensinar e aprender filosofia. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 15, p. 44-54, nov.2010/abr.2011.
- CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Ensino de Filosofia, 1)
- CRUZ COSTA, J. A situação do ensino filosófico no Brasil. In: _____. *Panorama da História da Filosofia no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1959.
- FREITAS, A.; PISANI, M. M. Reflexões acerca da natureza do mestrado profissional em filosofia (PROF-FILO) a partir da experiência com a disciplina “Laboratório de Ensino de Filosofia”. *SOFIA*, Vitória (ES), v. 6, n. 3, p. 47-68, jul./dez. 2017.
- GALLO, S.; KOHAN, W. O. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: _____. (Org.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 174-196.
- GELAMO, R. P. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- KOHAN, W. O. Fundamentos à prática da filosofia na escola pública. In: KOHAN, W. O.; LEAL, B.; TEIXEIRA, A. S. (Org.). *Filosofia na escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 21-73.
- LORIERI, M. A. Posfácio. In: DUTRA, J. C.; GOTO, R. (Org.). *O filosofar, hoje, na pesquisa e no ensino de filosofia*. Blumenau: IFC, 2018, p. 125-137.
- MENEZES, L. C. Formar professores: tarefa da universidade. In: CATANI, D.; MIRANDA, H.; MENEZES, L. C.; FISCHMANN, R. (Org.). *Universidade, Escola e Formação de Professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MIGUEL, A.; GARNICA, A. V.; IGLIORI, S. B.; D'AMBRÓSIO, U. A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua disciplinarização. *Revista Brasileira de Educação*, nº 27, p. 70-93, Set-Dez. 2004.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999, p. 15-34.
- SOUZA, C. P.; PLACCO, V. M. S. Mestrados Profissionais na área de Educação e Ensino. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 25, n. 47, p. 23-35, set./dez. 2016.

TOMAZETTI, E. M. Formação e Arte de viver: o que se ensina quando se ensina Filosofia?. In: PAGNI, P. A.; BUENO, S. F.; GELAMO, R. P. (Org.). *Biopolítica, arte de viver e educação*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 229-247.

_____. Papel da Filosofia na formação de educadores. In: SEVERINO, A. J.; LORIERI, M. A.; GALLO, S. (Org.). *O papel formativo da filosofia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 69-84.

VARELA, A. M. et al. Em busca de novos territórios filosóficos. In: CILENTO, A.; PEREIRA, M.; VELASCO, P. (Org.). *II Encontro Nacional PIBID-Filosofia: memórias e reflexões*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017, p. 197-2014.

VELASCO, P. D. N. Docência e formação em Filosofia: para pensar o tempo presente. In: PAGOTTO-EUSÉBIO, M. S.; ALMEIDA, R. (Org.). *O que é isto, a Filosofia [na escola]?* São Paulo: Editora Laços - Selo Képos, 2014, p. 11-31.

_____. O filósofo-funcionário e o professor-filósofo: sobre os sentidos do filosofar hoje. In: DUTRA, J. C.; GOTO, R. (Org.). *O filosofar, hoje, na pesquisa e no ensino de filosofia*. Blumenau: IFC, 2018, p. 63-74.

VIESENTEINER, J. L. Entre o engajamento e o rigor conceitual. In: DUTRA, J. C.; GOTO, R. (Org.). *O filosofar, hoje, na pesquisa e no ensino de filosofia*. Blumenau: IFC, 2018, p. 23-33.